

Outubro no seio do movimento negro nos EUA: da revolução à política de concessões

Weber Lopes Góes¹

Resumo: Neste artigo, examinamos as determinações em que emergiram os movimentos de natureza socialista nos Estados Unidos da América a partir da Revolução de Outubro de 1917. Apresentamos, a grosso modo, as formas de organização e perspectivas dos movimentos sociais, sindicatos e partidos, a saber: a luta contra o racismo, a discriminação racial e a tentativa de superação da ordem do capital. Por fim, apresentamos as estratégias elaboradas pelas classes dominantes norte-americanas para debelar os movimentos sociais naquele país.

Palavras-chave: Movimento negro; Luta contra o racismo; Revolução de outubro.

Abstract: In this article, we examine the determinations that emerged from the movements of a socialist nature in the United States of America after the October Revolution of 1917. We intend to present roughly the forms of organization and the perspectives of social movements, trade unions and parties, namely: the fight against racism, racial discrimination and overcoming the order of capital. Finally, we present the strategies developed by the dominant American classes to overthrow the social movements in that country.

Keywords: Black movement; Fight against racism; October Revolution.

¹ Doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC e professor do colegiado de Serviço Social da Faculdade de Mauá-SP, Brasil. E-mail: wafrican@hotmail.com

Agradeço à Renata Gonçalves pela leitura atenta e pelas sugestões incorporadas ao texto.

Introdução

Marx, ao redigir o documento para o lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864 (conhecida como Internacional Comunista), afirmou que a “luta por uma tal política externa faz parte de uma luta geral pela emancipação do proletariado” (MARX, s/d., p. 321). Havia uma aposta na internacionalização da luta dos trabalhadores e o fim da #IC em 1876, não acabou com as tentativas de reorganizar os trabalhadores internacionalmente, como fica explícito no combate ao caráter reformista da II Internacional feito pelas tendências que defendiam a ruptura com o capital por meio de transformações radicais. Com a Revolução de 1917, o anseio pela organização dos trabalhadores é retomado sob o protagonismo de Lenin, em 1919. Os trabalhadores europeus e de outros continentes passaram a se organizar contra a ordem capitalista tendo como referência Outubro e a orientação ideológica e política do comunismo. Neste contexto, foram realizados os congressos da III Internacional Comunista, de 1919 a 1935, sendo os #cinco primeiros coordenados por Lenin. Nestes congressos, elaborou-se uma gama de discussões, documentos, “análises e resoluções, que possibilitam detalhar o surgimento e desenvolvimento de teses ligadas à classe trabalhadora mundial. Dentre estas teses, a questão racial viria a ter, por iniciativa de Lenin, um papel central” (CHADAREVIAN, 200, p. 77).

A importância de Lenin está em sua capacidade de organização do proletariado russo, nos embates travados ao longo da sua biografia, no conjunto de sua obra, mas também em virtude da sua agilidade em captar o movimento do real, especialmente no que tange à dinâmica do capitalismo e das lutas dos trabalhadores em outros continentes. Neste particular, insere-se o texto escrito em fevereiro e maio de 1914, *O direito das nações à autodeterminação* (1976), onde o líder revolucionário defende a autodeterminação dos povos face à opressão dos países mais desenvolvidos. Embora as lutas dos oprimidos sejam de natureza nacionalista, Lenin as considera legítimas e, em virtude de o desenvolvimento das forças produtivas das nações serem menores, em comparação com as grandes nações, seria necessário defender o crescimento interior da nação. Decorrem destas primeiras observações, as suas análises sobre a situação dos negros, em especial nos Estados Unidos da América. A opressão dos negros estadunidenses será tematizada em seus escritos, sobretudo no texto publicado em 1918, *Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos da América: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura*

(1980), onde o pensador e ativista russo denuncia a situação dos afro-americanos naquele continente.

Ao apreciar o estágio do capitalismo estadunidense, Lenin pôde apreender a natureza do desenvolvimento das forças produtivas e do patamar em que o modo de produção capitalista se encontrava nos Estados Unidos considerando as diferenças entre o Norte e o Sul e, principalmente, a condição dos afro-americanos. Nos Estados Unidos se propagava, desde o seu nascedouro, a ideia de uma democracia consolidada, responsável pela garantia de igualdade, sem distinção de “raça”, cujos cidadãos poderiam usufruir de *liberdade e oportunidade*. Todavia, o pensador russo, quando se debruçou sobre a situação dos descendentes de africanos escravizados naquele país, percebeu que os atributos ideológicos elaborados pelas classes dominantes do Norte da América não condiziam com a realidade. Lenin denunciou a opressão da burguesia sobre os afro-americanos, em especial no momento em que dedicou sua atenção à situação econômica. Quando comparou o percentual de negros e brancos naquela região, expôs o número de afro-americanos que, embora menor em relação aos brancos², são quem mais sofrem com a dominação e opressão. O autor descortinou a situação em que os negros se encontravam, desde as condições materiais, passando pela violência, desigualdades, degradação e pauperismo, o que, aliás, considerou semelhante aos camponeses russos. Nas palavras de Lenin:

É inútil discorrer sobre a situação degradante à qual eles estão submetidos: neste aspecto, a burguesia americana não é melhor que a de outros países. Após haver “libertado” os negros, ela se esforçou, com base de capitalismo “livre” e republicano-democrático, por estabelecer tudo que fosse possível para ser restabelecido, por fazer o possível e o impossível para oprimir os negros da maneira mais descarada e vil. Para caracterizar o seu nível cultural, basta mencionar um pequeno fato estatístico; (...) A semelhança da situação dos negros na América e dos camponeses ex-servos de latifundiários na Rússia agrícola do centro é verdadeiramente surpreendente. (1980, p. 17-18).

Logo no 1º Congresso da III Internacional Comunista, de 1919, “uma das teses colocadas em discussão por Lenin é a falsa promessa de igualdade racial, religiosa e sexual das democracias burguesas” (CHADAREVIAN, 2007, p. 83). Em 5 de junho de 1920, Lenin prepara as *Teses Preliminares: as questões coloniais e nacional*. No item 1 do referido documento é abordado o problema da igualdade na sociedade capitalista

² “Até o presente, o número de negros, que não ultrapassa 0,7% a 2,2% da população das regiões Norte e Oeste, representa no Sul 22,6 a 33,7% do total da população. A proporção de negros é de 10,7% para o conjunto dos Estados Unidos”. (LENIN, 1980, p. 17).

e o líder revolucionário afirma que esta não passa de uma “forma abstrata e formal” que compõe a natureza da democracia burguesa. Para Lenin, a burguesia, ao pulverizar o ideário de igualdade jurídica entre proprietários e os proletários, é uma forma de enganar “grosseiramente as classes oprimidas”. Ao argumentar que os indivíduos são “absolutamente iguais”, a burguesia “está transformando a ideia de igualdade, que é em si um reflexo das relações de produção de mercadorias, numa arma na sua luta contra a abolição das classes” (LENIN, 1974, p. 171). A igualdade substantiva entre os seres humanos, portanto, só poderia ser efetivada por meio da superação do capital, pela eliminação das classes sociais.

Lenin apostava na agitação e propaganda, tanto no interior como fora do parlamento e sugere que os partidos comunistas deveriam expor e denunciar as constantes violações e desigualdades propaladas pelas nações em relação aos direitos das minorias nacionais, práticas existentes em todos os países capitalistas, embora travestidas de “democráticas”. Esta argumentação – item 9 da *Tese* – preconiza a necessidade de explicar constantemente que somente o poder Soviético seria capaz de assegurar a igualdade entre as nações, por meio da união entre os proletários contra a burguesia. Logo,

...todos os partidos comunistas devem prestar ajuda direta aos movimentos revolucionários das nações dependentes e desfavorecidas (por exemplo, a Irlanda, os negros Americanos etc.) e nas colônias. Sem esta última condição, que é particularmente importante, a luta contra a opressão de nações dependentes e colônias, bem como o reconhecimento do seu direito de secessão, são apenas uma frase falsa, como é evidenciado pelos partidos da Segunda Internacional. (LENIN, 1974, p. 171).

Estas contribuições de Lenin serão fundamentais para que, em 30 de novembro de 1922, no 4º Congresso da Internacional Comunista, fosse defendida a tese “*Sobre a questão negra*”. Neste documento, no item 1, estão contidas as denúncias em relação à invasão dos países capitalistas monopolistas.

O capitalismo Francês reconhece claramente que o poder pré-guerra do imperialismo Francês só pode ser mantido através da criação de um império Franco-Africano, defendido por uma ferrovia Trans-Saariana. Os magnatas financeiros Americanos (que já exploram 12 milhões de negros no seu próprio país) começaram uma invasão pacífica de África. A medida em que a Grã-Bretanha, por sua vez, teme qualquer ameaça à sua posição na África é claramente mostrada pelas medidas extremas que tomou para reprimir as greves na África do Sul. (...)Embora a concorrência entre as potências imperialistas no Pacífico cresceu com a ameaça de uma nova guerra mundial, a rivalidade imperialista na África, também desempenha um papel sinistro. Finalmente, a guerra, a re-

volução Russa e a rebelião anti-imperialista entre os povos asiáticos e muçulmanos têm despertado a consciência de milhões de negros que durante séculos foram oprimidos e humilhados pelo capitalismo na África, e, provavelmente, ainda em maior grau na América. (COMITERN, 2000, s/p).

Assim, “por 250 anos”, os africanos “foram tratados como gado humano”, subordinados à violência do “feitor americano”. O trabalho escravizado “limpou as florestas, construiu estradas, cultivou algodão, construiu ferrovias nas quais repousa a riqueza da aristocracia do sul dos EUA”. Estes aspectos, abordados no documento, se acoplam aos resultados da violência da escravidão: “o analfabetismo, a pobreza e a degradação”. No documento, em especial no item 2, consta a denúncia da utilização dos negros na guerra civil norte-americana:

A guerra civil, que não era uma guerra para a emancipação dos negros, mas uma guerra para a preservação da hegemonia industrial do Norte, confrontou os negros com uma escolha entre o trabalho forçado no Sul e a escravidão salarial no Norte. O sangue, suor e lágrimas dos “emancipados” negros ajudaram a construir o capitalismo Americano, e quando o país, que agora se tornou uma potência mundial, foi inevitavelmente puxado para a Segunda Guerra Mundial, os negros Americanos ganharam a sua igualdade de direito com os para matar e para morrer pela “democracia” (COMITERN, 2000, s/p).

Outro aspecto relevante que precisa ser salientado tem a ver com a contraposição à história oficial. É corriqueiro na história dos “vencedores” os africanos escravizados serem concebidos como *passivos, sem história* e outros atributos *não humanos*. Ora, os africanos não eram dóceis. Sua “história é cheia de revoltas, rebeliões, e uma luta clandestinas pela liberdade, mas todos os seus esforços para se libertarem foram violentamente reprimidos”. Na mesma direção, o documento considera a resistência dos povos africanos aos ataques dos exploradores:

(...) A luta internacional da raça negra é uma luta contra o inimigo comum. Um movimento negro internacional com base nesta luta deve ser organizado: nos Estados Unidos, o centro da cultura negra e protesto negro, na África, com a sua reserva de mão-de-obra humana para o desenvolvimento do capitalismo, na América Central (Costa Rica, Guatemala, Colômbia, Nicarágua e outros países “independente”), onde o domínio do capitalismo Americano é absoluto, em Porto Rico, Haiti, São Domingos e outras ilhas do Caribe, onde o tratamento brutal dos nossos irmãos negros pela ocupação Americana provocou um protesto em todo o mundo de negros conscientes e trabalhadores brancos revolucionários, na África do Sul e Congo, onde a industrialização crescente da população negra levou a todos os tipos de revoltas, e no leste da África, onde as incursões do capital mundial levou a população local a iniciar um ativo movimento anti-imperialista. (COMITERN, 2000, s/p).

A perspectiva da internacionalização da luta dos trabalhadores era candente e muito presente na *Tese*. Assim, a “questão negra tornou-se parte integrante da revolução mundial”, não por acaso, no item 6, o documento encerra com as seguintes propostas:

- i) O IV Congresso considera essencial apoiar todas as formas do movimento negro que visam minar ou enfraquecer o capitalismo e o imperialismo ou impedir a sua expansão.
- ii) A Internacional Comunista lutará pela igualdade racial de negros e brancos, por salários iguais e igualdade de direitos sociais e políticos.
- iii) A Internacional Comunista vai fazer todo o possível para forçar os sindicatos a admitirem trabalhadores negros onde a admissão é legal, e vai insistir numa campanha especial para alcançar este fim. Se esta não tiver êxito, irá organizar os negros nos seus próprios sindicatos e então fazer uso especial da tática da frente única para forçar os sindicatos gerais a admiti-los.
- iv) A Internacional Comunista vai tomar imediatamente medidas para convocar uma conferência ou congresso internacional negro em Moscovo. (COMINTERN, 2000, s/d).

A Internacional Comunista se comprometeu, portanto, em apoiar todas as formas de movimento negro que visam minar ou enfraquecer o capitalismo e o imperialismo ou impedir a sua expansão³. As preocupações de Lenin, as ações preconizadas pela Internacional Comunista, somadas às ideias da Revolução de Outubro, contribuíram para que as proposituras do movimento comunista russo reverberassem em outras partes do mundo, inclusive nos Estados Unidos da América, na África (HARRIS, 2011; THIAM e MULIRA, 2011; RALSTON, 2010) e na Ásia. Foi assim que um dos representantes mais importantes do movimento pan-africanista norte-americano W.E.B. Du Bois se entusiasmou pela União Soviética e os movimentos negros passaram a receber as ideias socialistas.

Os movimentos negros nos EUA e a receptividade das ideias socialistas

A influência do comunismo russo no movimento negro estadunidense tem uma relação direta com as lutas travadas pelos negros norte-americanos desde o momento em que foram traficados no continente africano, considerando as diversas estratégias de resistência

³ Para maior apreciação dos documentos referente à “questão negra”, conferir em: http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/4_congress_comintern_30_november_1922_negro_question_portuguese.html

(durante e após a escravidão) e a construção de laços entre os africanos dos EUA, que resultou num amplo movimento que passou a ser denominado *Pan-Africanismo*⁴. A particularidade do desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos consolidou organizações e lutas específicas, mas também impulsionou uma política racista norte-americana, principalmente com a lei de segregação (Jim Crow) e a criação dos guetos. A este processo se vinculam a criação de universidades, sindicatos, agremiações, inclusive de cariz religiosa para poder responder à realidade dos afro-americanos. No que tange à forma de organização dos negros, são emblemáticas lideranças como as de Frederick Douglas (1818-1895) na luta pela abolição da escravatura, e W.E.B. du Bois, que “formou, em 1906, o Movimento do Niágara, juntamente com oito intelectuais negros, pretendia recuperar vigor e agressividade para o protesto negro e retomar a campanha pela igualdade civil” (FABRE, 1977, p. 182). Na mesma direção, encontramos Marcus Garvey, um protagonista na busca por aguçar o “orgulho negro”, “despertando interesse de milhões de negros americanos pela África depois da Primeira Guerra Mundial” (RALSTON, 2010, p. 876). Em 1914, Garvey cria a organização Universal Negro *Improvent and Conservation Association and African Communities League*, conhecida por UNIA, a fim de promover a emigração de negros para a África (RALSTON, 2010).

Encontramos neste período também as organizações socialistas, sobretudo sindicatos e partido político, cujos protagonistas (operários brancos) em virtude da ideologia do racismo, não aceitavam a participação de descendentes de africanos escravizados e menos ainda a participação das mulheres⁵. A partir da criação da organização *Industrial Workers of the World* [Trabalhadores Industriais do Mundo] – IWW, em 1905, as mulheres passaram a ter uma atuação orgânica e o racismo passa a ser tematizado no seio dos trabalhadores. A IWW, conhecido popularmente como “Wobblies”, tinha como finalidade a luta pelo socialismo e defendia a não conciliação entre classes. A organização acreditava na inviabilidade de diálogo entre patrão e empregado. E mais, conseguiu identificar outras formas de opressão à classe trabalhadora, a “IWW dirigia a sua atenção explicitamente aos problemas específicos da população negra” (DAVIS, 2016, p. 157).

⁴ O pan-africanismo é um movimento que tem a sua origem nas lutas dos africanos na diáspora, isto é, contra a escravatura, o colonialismo; contra o racismo praticado aos africanos. Embora a palavra pan-africanismo e pan-africano tenha sido utilizadas no final do século XIX, já havia a prática de tal movimento desde as práticas contra a escravidão e opressão, as práticas de organizações pela abolição da escravatura e, principalmente pela propagação da união entre os africanos espalhados no mundo. Consultar: Boahen (2010) e Mazrui; Wondji (2011).

⁵ Em relação à atuação das mulheres nos partidos e sindicatos nos EUA, conferir em Angela Davis (2016).

Os afro-americanos constituíram também a Liga Urbana, em 1910, financiada pelos industriais do Norte, cuja finalidade era assegurar a igualdade no mercado de trabalho e a “qualificação” profissional de trabalhadores negros. Na sequência, foi organizado o *Brotherhood of Sleeping*⁶, o primeiro sindicato negro, criado em 1925, por A. Philip Randolph, com o objetivo de combater a discriminação no emprego, principalmente nas fábricas de armamento (FABRE, 1977, p. 183).

Havia, portanto, uma tentativa de estabelecer uma união entre os negros norte-americanos a fim de tornar mais potente as lutas travadas contra o racismo, a discriminação e a desigualdade, desembocando na Frente Unida dos Negros, criada em 1936, e no *Negro American Labor Council*, de 1960 (FABRE, 1977). Apesar de todas as lutas, somente em 1942 foi criado o Congresso Nacional pela Igualdade Racial (CORE), organização que tinha a participação de intelectuais, segmento da classe média negra, responsável pela propagação, em 1967, do slogan “Black Power”.

O trajeto que percorremos até aqui demonstra que as organizações mencionadas não tiveram explicitamente uma perspectiva de orientação comunista⁷, à exceção de IWW. As referidas organizações tinham como objetivo o enfrentamento do racismo, da discriminação e da desigualdade, mas, ao mesmo tempo, cada movimento expressava o contexto interno e externo em que estava inserido, e à medida que as contradições de classes se acirravam, a natureza do movimento podia tomar os rumos da esquerda ou da direita. Este foi o caso da *Brotherhood of the African Blood*⁸ (Irmandade do Sangue Africano), organização que surgiu a partir dos conflitos do “Verão Vermelho”⁹, em 1919. Tratam-se de revoltas que começaram quando os negros retornaram da guerra, não viram suas vidas alteradas e resolveram manter as armas para combater as práticas de racismo e

⁶ Irmandade do Sono.

⁷ Embora a *Brotherhood of Sleeping* tenha como protagonista A. Philip Randolph, que no início da sua militância teve importante atuação contra a opressão, chegando a ser chamado de “Lenin do Harlem”, devido a sua orientação leninista. Com o tempo, ele se tornou um “burocrata” da AFL – Federação Americana do Trabalho. Tal entidade tinha uma política de alinhamento com a direita e fechava acordos com o setor patronal. O “Lenin do Harlem” foi responsável pelo cancelamento da Marcha sobre Washington, em 1941. Sua atuação em favor da direita, o transformou em anticomunista e conservador.

A este respeito, consultar: https://translate.googleusercontent.com/translate_c?depth=1&hl=pt-BR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=en&sp=nmt4&u=https://socialistworker.org/2012/08/10/from-harlem-to-the-afl&usg=ALkJrhh9UIyFSdAGZPtNDON6zuYfbZHYQ.

⁸ Referente a *Brotherhood of the African Blood* cf. https://translate.googleusercontent.com/translate_c?depth=1&hl=pt-BR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=en&sp=nmt4&u=https://socialistworker.org/2012/06/01/african-blood-brotherhood&usg=ALkJrhh4shU0j2vacbKVKdJUURMI dpx-QA.

⁹ Os dias de “distúrbios da raça” envolveram mais de 25 grandes cidades. Morreram, em média, 500 negros. Todavia, os afro-americanos resistiram aos ataques truculentos do estado racista.

a discriminação. Nesse clima, se consolidou uma organização socialista negra, cujo principal quadro foi Cyril Briggs, responsável por um jornal em que começa a tematizar a situação dos negros nos Estados Unidos da América. Até 1920, esta organização não tinha contato com o Partido Socialista (que em pouco tempo se tornaria o Partido Comunista) norte-americano, que acreditava que a *Irmandade* era separatista¹⁰. Após as orientações de Lenin, os socialistas se aproximaram de Briggs possibilitando uma organização de esquerda, buscando fortalecer o movimento contra o racismo e a classe trabalhadora na luta pelo socialismo (SUSTAR, 2012).

No seio do movimento socialista, identificamos um forte protagonismo das mulheres negras estadunidenses. De acordo com Angela Davis (2016), foram inúmeras mulheres que tiveram um papel importante na luta pela emancipação, não somente das mulheres, ou das mulheres negras, mas da classe trabalhadora como um todo. Davis elenca uma quantidade expressiva de mulheres socialistas que atuaram no seio do movimento de esquerda norte-americano. Como, por exemplo, Helen Holman, integrante do Partido Socialista, que teve um papel decisivo na defesa pela liberdade de Kate Richards O’Hare, quando estas se encontrava presa; ou Lucy Parsons¹¹ (1853-1942), cuja “trajetória política abrangeu desde a defesa do anarquismo, na juventude, até a filiação ao Partido Comunista”. Para esta, “o racismo e sexismo eram ofuscados pela ampla exploração da classe trabalhadora pelos capitalistas” (DAVIS, 2016, p. 158-159). Ella Reeve Bloor (1862-1951) foi outra militante socialista que tinha a capacidade de captar a relação entre *raça* e *classe*. Em 1929, ao participar da convenção organizada pela *Defesa Operária Internacional*, realizada em Pittsburgh, Pensilvânia, Bloor combateu a discriminação de delegados negros que foram impedidos de entrarem no Hotel (DAVIS, 2016). Responsável em organizar uma delegação dos Estados Unidos para participar do *Congresso Internacional de Mulheres* em Paris, Bloor levou consigo quatro militantes trabalhadoras negras que tiveram uma participação expressiva no congresso¹². Além das mulheres, a Igreja desem-

¹⁰ Relação muito semelhante ao dos comunistas no Brasil no mesmo período. A este respeito, ver Góes e Gonçalves (2017).

¹¹ Em 1877 Parsons publicava seus artigos e poemas no jornal *Socialist*. Integrou o Sindicato de Trabalhadoras de Chicago. Seu protagonismo ganhou vulto após participar ativamente na libertação dos ativistas que foram presos em 1º de maio de 1886, na praça Haymarket. Segundo Angela Davis, “sua reputação fez dela um alvo muito frequente da repressão. Em Columbus, Ohio, por exemplo, o prefeito proibiu um de seus discursos previsto no mês de março – e ela se recusou a respeitar o mandato de interdição, o que levou a polícia a prendê-la” (2016: 158). Davis observa que em cada cidade a que Parsons ia, as portas se fechavam no último minuto e a polícia a mantinha sob constante vigilância.

¹² Em virtude do curto espaço, não é possível apresentar as mulheres que tiveram uma ampla participação

penhou papel fundamental na militância dos negros, como foi o caso da *Southern Christian Leadership Conference* (SCLC), após o boicote aos transportes públicos realizado em Montgomery em 1957, que tomou maior capilaridade com a atuação de Martin Luther King¹³.

Ressaltamos, portanto, que nos Estados Unidos da América, houve um acúmulo de lutas, principalmente daquelas que emergiram em Chicago e Nova York, sobretudo no Harlem, de onde surgiram inúmeros militantes negros do movimento socialista. As lutas travadas pelos negros norte-americanos contribuíam para que a *Comintern* passasse a ver a *questão negra* numa perspectiva pan-africana, ou seja, “se os Africanos tinham que enfrentar problemas comuns, estavam implicados numa luta comum, como se os seus destinos estivessem de certa forma ligados. O Comintern conservou esta abordagem, com algumas reservas, até ao seu VII congresso, em 1935” (ADI, 2017).

Da emancipação às políticas de concessões

A perseguição dos afro-americanos tem seu início, especialmente, a partir da abolição da escravatura. Quando os afro-americanos foram “libertados”, uma série de medidas foi adotada a fim de condicioná-los ao pauperismo e subordiná-los a condições estabelecidas pelos governos dos EUA. Desde quando os negros pisaram compulsoriamente os pés no continente, foram subsumidos à institucionalização: da escravização (1619-1865), passando pela lei de segregação Jim Crow (1865-1965), até a efetivação dos Guetos (1915-1968) e, de 1968 para cá, do Hipergueto (WACQUANT, 2017). A organização de extrema direita o Ku Klux Klan teve papel fundamental neste processo. Criada em 1860, continua a existir, sob outra roupagem, nos dias de hoje. Esta organização teve o seu apogeu com a abolição da escravidão norte-americana, em 1865. Defendeu o retorno dos afro-americanos para a África e o extermínio dessa população através da prática do linchamento, perseguição e outras formas consolidadas para debelar os negros. A atuação do Ku Klu Klan é tão emblemática ao ponto de ser concebida como uma das primeiras organizações a colocar os Estados Unidos da América enquanto precursor do nazismo (LOSURDO, 2017). A organização foi ainda responsável por contribuir para

no movimento socialista norte-americano, tal empreitada nos levaria a outro caminho do presente artigo. Porém, os interessados em mergulhar na temática, podem consultar Angela Davis em *Mulheres, raça e classe*, especialmente o capítulo 10 “Mulheres Comunistas”.

¹³ Outros viriam na sequência: Malcom X e os Panteras Negras.

a criação do “mito” do estupro negro, cuja finalidade era justificar os massacres e linchamentos, bem como a criminalização de afro-americanos. Com as organizações dos afro-americanos, desde as comunidades religiosas, sindicais e partidárias, os descendentes de africanos escravizados passaram a ser alvo preferido do Ku Klux Klan. As vítimas da organização conservadora eram pessoas isentas ou com vínculos de engajamento político. A organização reacionária pode, portanto, ser concebida enquanto um mecanismo (paramilitar) que se efetivou para manter a supremacia branca e os privilégios das classes dominantes nos Estados Unidos.

Na medida em que o movimento socialista crescia nos Estados Unidos, diversas medidas foram tomadas para impedir este avanço. Assim, o FBI criado em 1908, passou a ser utilizado para frear e dismantelar as organizações anarquistas e socialistas naquele país.

O fantasma de 1917 precisava ser combatido. Não por acaso, os EUA serão palco de uma gama de mobilizações dos movimentos negros e de organizações socialistas. Tal é o caso dos movimentos sociais negros que crescem a partir da década de 60 do século passado. Em 04 de abril, depois de Johnson suspender os ataques ao Vietnã do Norte e renunciar à candidatura à presidência, segundo Moniz-Bandeira, “o assassinato de Martin Luther King, líder dos direitos civis e do movimento pela igualdade racial, provocou a erupção de revoltas nos bairros negros de 19 cidades nos Estados Unidos, que deixaram cerca de cinquenta mortos” (2009, p. 278). As múltiplas manifestações contra a segregação racial, acompanhadas de saques e violências abalaram as classes dirigentes americanas. Nessa ocasião, “sete brigadas de infantaria, totalizando 21.000 soldados, estavam prontas para intervir e um centro de computação, altamente sofisticado, fornecia informações” (MONIZ-BANDEIRA, 2009, p. 278). Os Estados Unidos investiram US\$ 2,7 milhões, sendo que 150 funcionários monitoravam as revoltas nas cidades e havia tropas à disposição, que poderiam ser deslocadas, se fosse necessária para qualquer Estado (MONIZ-BANDEIRA, 2009). Uma série de práticas foi engendrada para brechar os movimentos sociais no norte da América, com destaque para a CIA e o FBI, que tiveram um papel importante no desmonte da esquerda, dentro e fora dos Estados Unidos. A CIA esteve engajada durante 20 anos na realização de vigilância, infiltrando agentes nas organizações, realizando escutas telefônicas, além de averiguar cartas e catalogação de indivíduos envolvidos em organizações, por meio de fotografias e a obtenção de cópias de telegramas (MONIZ-BANDEIRA, 2009). Suas práticas estavam *pari passu* com o FBI. Este executava o *Counter Intelligence Program* (COINTELPRO), programa de

realização de sabotagem, vigilância eletrônica, sendo uma de suas vítimas Luther King e outras lideranças políticas. Na mira do FBI estavam o “*Comunist Party, o Socialist Workers Party, Whit Hate Group, a Students for Democratic Society e o Black Panther*, em sua lista de 2.300 organizações, classificadas como *Old Left, New Left e Right Wing*. Partido Comunista”¹⁴ (MONIZ-BANDEIRA, 2009, p. 350).

A ofensiva da burguesia norte-americana possibilitou o desmonte das organizações numa perspectiva de impedir o avanço das lutas sociais, por meio do assassinato de lideranças, da criminalização de movimentos sociais e partidos políticos. Esta ofensiva também se traduziu na política de concessão que ganhou corpo com o desmantelamento dos imperialismos baseados na Europa. A Declaração de Direitos Humanos da ONU e os estudos da UNESCO desautorizaram o racismo. A burguesia correu para demonstrar o seu apreço à “democracia”. Os Estados Unidos da América passam a ser o “guardião” da igualdade e o defensor dos “direitos” civis. Já não havia movimentos de esquerda a esmagar.

No estudo *Capitalismo Monopolista – ensaio sobre a ordem econômica e social americana*, Paul Baran e Paul Sweezy (1978), especialmente no capítulo dedicado às relações étnico-raciais nos Estados Unidos, evidenciam que o capitalismo monopolista possibilitou a ascensão de uma classe média e uma burguesia negra. No entanto, os autores demonstram que tais investidas só foram realizadas devido à emigração de negros do Sul para o Norte dos Estados Unidos, considerando que na parte industrializada desse país a oferta de empregos era maior devido à presença de indústrias, mesmo havendo discriminação aos trabalhadores negros. A racionalização da política de imigração e a Segunda Guerra permitiram, segundo os autores, que houvesse ofertas de empregos para a população negra, além de sua inserção nos setores públicos. Baran e Sweezy argumentam que através desse quadro ventilou-se a crença segundo a qual os negros sofreriam alternância em relação à situação social o que acabaria por eliminar a discriminação e o preconceito. Porém, os pensadores argumentam que para além do aumento da pobreza, tais mudanças foram viabilizadas apenas no âmbito individual e para o conjunto dos afro-americanos, visto que a maioria está confinada nos guetos. Neste contexto, os Estados Unidos da América passaram a ventilar o ideário de um país democrático ao implementar

¹⁴ “Durante a *Operation CHAOS*, implantada em 1968 e expandida em 1969, a NSA, a CIA e o FBI puseram mais de 300.000 estudantes e outros cidadãos americanos sob vigilância; interceptaram correspondência, investigaram e infiltraram os *campi* universitários e centenas de organizações dentro dos Estados Unidos. Por volta de 1976, a CIA e outras agências gastavam mais de US\$ 12 bilhões em investigações oficiais, algumas vezes ilegais e frequentemente sem o controle do governo” (Moniz-Bandeira, 2009: 350).

políticas de “concessões”, as políticas de ação afirmativa, demandas elaboradas pelos movimentos negros norte-americanos e que foram plagiadas pela burguesia dos EUA em seu favor. Se tais políticas fossem instituídas, como era a aposta, “a capacidade revolucionária em potencial do movimento negro de protesto poderá ser neutralizada” (BARAN e SWEEZY, 1978, p. 273).

Na mesma direção, segundo o geógrafo David Harvey,

Foi preciso cultivar e projetar no exterior o pró-americanismo. E assim teve início o amplo ataque cultural aos valores europeus “decadentes” e a promoção da superioridade da cultura americana e dos “valores americanos”. Empregou-se o poder do dinheiro para dominar a produção cultural e influenciar os valores culturais. [...] O imperialismo cultural tornou-se importante arma na luta para afirmar a hegemonia geral. Hollywood, a música popular, formas culturais e até movimentos políticos inteiros, como os direitos civis, foram mobilizados para promover o desejo de emular o modo americano de ser. Os Estados Unidos foram concebidos como um farol da liberdade dotado do poder exclusivo de engajar o resto do mundo numa civilização duradoura caracterizada pela paz e prosperidade (HARVEY, 2006, p. 53).

Houve a decapitação dos movimentos sociais de esquerda por meio da violência e da criminalização. As políticas de concessões vieram complementar, viabilizando o acesso a políticas de ação afirmativa, a fim de criar uma classe média e uma burguesia negras que passaram a propagar “conquistas” de natureza liberal, que atenderam uma parcela e não a totalidade da população negra. Esta continuou condenada à segregação e ao encarceramento.

Conclusão

Após a Revolução de Outubro, as experiências e a tentativa de impulsionar as lutas pela emancipação extrapolou o continente europeu e atravessou o atlântico resultando no fortalecimento dos movimentos sociais norte-americanos. O esforço para a superação do capital pôde ser explicitada nos diversos segmentos sociais estadunidenses, tanto nas organizações sociais compostas por brancos, como no interior dos movimentos sociais negros, sindicatos e partidos políticos.

O êxito destes movimentos sociais obrigou os dirigentes da classe dominante a elaborar estratégias para dificultar as atividades das organizações e minar a perspectiva de transformação social, seja por meio do extermínio de lideranças do movimento negro, da destruição das organizações sociais, como por exemplo os Panteras Negras, seja por meio da cooptação de quadros para o campo da direita.

Houve, sem dúvida, inúmeros equívocos no interior dos próprios movimentos – tema que não foi possível explorar no presente artigo –, todavia, o capital lançou mão de ferramentas capazes de minguar os movimentos e impedir a ascensão de projetos emancipatórios que buscavam a superação da ordem do capital.

As lutas encampadas pelos movimentos sociais negros nos Estados Unidos da América, principalmente a partir da influência e colaboração dos comunistas demonstraram que é possível resistir e buscar outra sociabilidade. A história é feita de contradições e não chegamos ao seu fim, visto que são os homens que a fazem dentro de condições dadas e herdadas do passado, conforme Marx. Talvez a lição que devemos tirar de Outubro e dos movimentos sociais negros é que a classe trabalhadora quando se organiza pode alterar o curso da história.

Bibliografia

ADI, Akim. Pan-africanismo e Comunismo: conversa com Akim Adi. *Buala.org*. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/panafricanismo-e-comunismo-conversa-com-hakim-adi>>. Acesso em 4 de maio de 2017.

BARAN, Paul Sweezy e Paul (1978). *Capitalismo monopolista* – ensaio sobre a ordem econômica e social americana. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

BOAHEN, Albert Adu (2010). *História Geral da África VII. África sob dominação colonizadora: 1880-1935*. Brasília: UNESCO.

CHADAREVIAN, Pedro Caldas (2007). Os precursores da interpretação marxista do problema racial. *Crítica Marxista*, n. 24, Rio de Janeiro.

COMINTERN (2000). A questão Negra. In: *A Internacional Comunista*. Disponível em: <http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/4_congress_comintern_30_november_1922_negro_question_portuguese.html>. Acesso em 02 de maio de 2017.

DAVIS, Angela (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Editora Boitempo.

FABRE, Genevève (1977). O movimento negro. In: SANTIAGO, Theo e DIAS, José Fernandes (orgs.). *Descolonização*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

GÓES, Weber Lopes; GONÇALVES, Renata (2017). À margem de Outubro: comunistas e relações raciais no Brasil. *Lutas Sociais*, vol. 21, n. 38, São Paulo.

HARRIS, Joseph E.; ZEGHIDOUR, Slimane (2011). A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Eli A.; WONDJI, Christophe (orgs.). *História Geral da África VIII. África desde 1935*. Brasília: UNESCO.

HARVEY, David (2009). *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola.

LENIN, Vladimir Ilitch (1980). *Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos da América: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura*. São Paulo: Ed. Brasil Debates.

_____ (1976). El derecho de las naciones a la autodereminacion. In: *Obras Escogidas*. Tomo V. Moscou: Editorial Progreso.

_____ (1974). *Teses preliminares: as questões coloniais e nacional*. Disponível em: <http://ciml.250x.com/archive/lenin/portuguese/lenin_1920_5_june_second_congress_comintern_colonial_and_national_question_draft_portuguese.html>. Acesso em 03 de maio de 2017.

LOSURDO, Domenico (2017). *As raízes norte-americanas do nazismo*. Disponível em: https://resistir.info/eua/raizes_nazismo_eua.html. Acesso em 17 de junho de 2017.

MARX, Friedrich Engels (s/d). Manifesto de Lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: *Textos III*. São Paulo: Edições Sociais.

MAZRUI, Eli A.; WONDJI, Christophe (orgs.) (2011). *História Geral da África*. VIII. África desde 1935. Brasília: UNESCO.

MEALY, Rosemari (1995). *Fidel e Malcolm X – Lembranças de um encontro*. Niterói: Casa Jorge Editorial.

MONIZ-BANDEIRA, Luiz Alberto (2009). *A formação do império americano – da guerra da Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

RALSTON, Richard David (2010). A África e o novo mundo. In: BOAHEN, Albert Adu (2010). *História Geral da África* VII. África sob dominação colonial: 1880-1935. Brasília: UNESCO.

SUSTAR, Lee (2012). Do “Lenin” de Harlem ao burocrata da AFL. *Socialistworker.org*. Disponível em: < <https://translate.google.com/translate?depth=1&hl=pt-BR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=en&sp=nm4&u=https://socialistworker.org/2012/08/10/from-harlem-to-the-afl>>. Acesso em 1 de maio de 2017.

THIAM, Iba Der; MULIRA, James (2011). África e os países socialistas. In: MAZRUI, Eli A.; WONDJI, Christophe (orgs.). *História Geral da África*. VIII. África desde 1935. Brasília: UNESCO.

WACQUANT, Loïc (2017). *Da escravidão ao encarceramento em massa*. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/Loic%20Wacquant,%20Da%20Escravidão%20ao%20Encarceramento%20em%20Massa,%20NLR%202013,%20January-February%202002%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/Loic%20Wacquant,%20Da%20Escravidão%20ao%20Encarceramento%20em%20Massa,%20NLR%202013,%20January-February%202002%20(1).pdf). Acesso em 8 de junho de 2017.